

“Mackenzie é parte do plano de Deus”

Estudar em universidades de diferentes países – África do Sul, EUA, Holanda e Brasil – foi questão de oportunidade



A família Lopes trocou o Estado da Paraíba por Pernambuco quando o primogênito Augustus Nicodemus ainda era menino. Deixou João Pessoa para se instalar em Recife, onde os cinco filhos do casal Nicodemus Lopes Pereira e América Elizabeth Gomes Lopes foram educados. Nenhum deles seguiu os passos do patriarca, que se destacou no trabalho para a Chesf, a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, e na Companhia de Eletricidade de Pernambuco, onde ocupou o cargo de presidente. O segundo irmão de Augustus, Alberto, graduou-se em medicina e especializou-se em cardiologia, Suzana é proprietária de franquias da Cultura Inglesa, em Olinda, PE, onde Sandra é professora, enquanto o caçula, Nicodemus, está tentando se reposicionar no mercado de trabalho.

Augustus Nicodemus Gomes Lopes, atual chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie, nasceu em 25 de setembro de 1954. Estudou Desenho Industrial e alguns anos de Engenharia Elétrica na Universidade Federal de Pernambuco. Entretanto, bacharelou-se em Teologia no Seminário Presbiteriano do Norte, concluiu Mestrado em Novo Testamento na Universidade Reformada da África do Sul, na cidade de Potchefstroom, depois fez doutorado em Interpretação Bíblica no Seminário de Westminster, na Filadélfia, EUA, e complementação no

Seminário de Kampen, na Holanda. Tornou-se pastor da primeira Igreja Presbiteriana do Recife (1987 a 1991), foi pastor da Igreja Evangélica Suiça de São Paulo (1995 a 2000). Voltou à primeira Igreja Presbiteriana do Recife onde permaneceu entre 2001 e 2003. Atualmente é pastor auxiliar da Igreja Presbiteriana de Santo Amaro, em São Paulo. Escreveu 12 livros, entre os quais destaca O Que Você Precisa Saber sobre Batalha Espiritual, que está na quarta edição, O Culto Espiritual, já na segunda edição, e publicou A Bíblia e sua Família – todos na Casa Editora Presbiteriana. Atuou no Mackenzie como professor de Teologia e diretor do Centro de Pós-Graduação Andrew Jumper (1995 a 2000). Agora, é o chanceler. Ainda no Recife, Augustus casou-se com a holandesa Hendrika Lopes e teve quatro filhos, Hendrika, hoje com 17 anos, Samuel, 14, David, 13, e Ana, 11. Concentrado no trabalho e no novo desafio, declara seu amor a São Paulo, mas não esquece os parentes, os amigos e, naturalmente, as praias das terras do recifense Joaquim Nabuco. À revista **Mackenzie**, o novo chanceler deu a seguinte entrevista.

■ **Como encara sua escolha para chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie? Era desejo seu assumir o cargo?**

● Minha escolha para ocupar o cargo é uma grata surpresa. Na verdade eu havia recebido convite para voltar a ser professor no Andrew Jumper, de onde saíra em 2001, então já tinha aceitado voltar a ser professor quando, em meados do ano passado, fui procurado pela alta direção do Instituto Presbiteriano Mackenzie, pela Igreja Presbiteriana do Brasil, para concorrer ao cargo. Tendo sido eleito por unanimidade no Conselho de Curadores e no Conselho Deliberativo do Instituto Presbiteriano Mackenzie, senti-me ao mesmo tempo honrado e desafiado. Mesmo porque a minha é uma carreira docente, sempre fui professor e pastor. Entretanto, o que se requer para ocupar a função de chanceler é formação acadêmica, sólida. Além de disponibilidade e disposição de conversar e dialogar com as lideranças da Igreja e da Universidade. Sempre entendi que essa capacidade para dialogar faz parte do meu temperamento, da minha maneira de ser. Posso dizer de todo o coração que não fiz qualquer movimento político para chegar aqui.

■ **Considera a missão que tem pela frente como desafio ou privilégio?**

● Como os dois. Primeiro, como privilégio, como já mencionei, porque é uma posição de alta confiança da Igreja Presbiteriana e do Instituto Presbiteriano Mackenzie.

Por isso sinto-me privilegiado, porque isso significa que eu gozo da confiança tanto da Igreja quanto do Instituto. Segundo, é também grande desafio, pela grandeza da função e pela tarefa que o chanceler tem que desempenhar. Ele funciona como elo entre a mantenedora e a universidade e tem que dialogar continuamente com o reitor da universidade, a Administração Geral do Instituto, o Conselho Deliberativo e a alta administração da Igreja Presbiteriana do Brasil. Então é uma tarefa delicada que exige prudência, sabedoria, equilíbrio, e essas coisas não acontecem naturalmente.

■ Quais os pontos mais importantes de seu programa de trabalho?

● O chanceler, a rigor, não tem programa de trabalho porque a função dele está claramente delineada pelos documentos - tanto pelo regimento quanto pelo regulamento do Instituto e da Universidade. Mas dentro dessas funções existe certa liberdade para que se imprima ritmo diferenciado ao trabalho da

chancelaria. Dentro desse espaço considero como ponto de honra do meu trabalho aqui manter e insistir na confessionalidade da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Ou seja, que mesmo respeitada a autonomia universitária ela pertence à Igreja Presbiteriana do Brasil, a sua mantenedora. Portanto, os valores, os princípios adotados pela Igreja Presbiteriana do Brasil devem, de alguma maneira, influenciar e nortear a universidade onde for possível. Para mim é um ponto de honra zelar pela confessionalidade da Igreja. Outro ponto que mencionaria também é que precisamos manter sempre abertos os canais de comunicação entre a mantenedora e a mantida. Esse é um ponto extremamente necessário. Infelizmente às vezes constata-se que existe a idéia partidária de que a universidade é uma coisa e a mantenedora outra, como se houvesse competição entre elas na busca pelo espaço e pelo poder. Eu, na verdade, enxergo tanto a mantenedora quanto a universidade como

um organismo só e que estamos juntos lutando e mantendo um propósito comum, que é o crescimento da Instituição para alcançar o maior número possível de pessoas, fazer o bem a todos, através da educação e da assistência social. Assim, considero esses dois pontos como de maior importância dentro do meu trabalho.

■ O que tornou possível ao aluno Augustus cursar universidade de diferentes países?

● Oportunidades. No caso do meu mestrado na África do Sul eu tinha tido a oportunidade de morar nos Estados Unidos durante um ano, na minha adolescência. Foi o tempo em que a Igreja estava começando a procurar pastores que soubessem inglês com disponibilidade de ir ao exterior para poder progredir nos estudos avançados. Naquela época, meados da década de 80, havia pouquíssimos pastores com mestrado dentro da Igreja Presbiteriana, aí eu aproveitei a oportunidade. A mesma coisa com relação a doutorado. A igreja Presbiteriana tinha



O reverendo Augustus Nicodemus profere discurso, na cerimônia de posse como chanceler da UPM

acabado de fazer convênio para preparar doutores que viessem a São Paulo para trabalhar no recém-formado Centro de Pós-Graduação, que é hoje o Andrew Jumper. E procurava exatamente pastores que já tivessem mestrado, conhecimento em inglês e experiência acadêmica, como era o meu caso, pois desde que me tornei pastor sou também professor de Teologia. Então mais uma vez foi a oportunidade. E estando nos Estados Unidos, apareceu também a chance de complementar os estudos na Holanda – dessa vez não somente por eu ser casado com uma holandesa, mas também porque meu sogro, doutor Frans Schalkwijk, abriu essa porta para que pudesse cursar Teologia lá. Foi o misto de oportunidade e Providência que me deu o privilégio de estudar no exterior.

■ **Como é viver em Recife e em São Paulo? Quais as eventuais diferenças?**

● Recife é mais agradável do que São Paulo em alguns aspectos, porque é cidade provinciana, menor e fácil para você se deslocar de casa para o trabalho, a escola, a igreja. Você precisa de pouquíssimos minutos, mesmo que more longe, para chegar onde precisa ir. Tem a praia ali, sempre um atrativo, e a oportunidade extraordinária do lazer. Ao mesmo tempo, Recife tem problemas de cidade grande, como engarrafamentos. É cidade violenta e cara. Como morei lá e em São Paulo, constato que o custo de vida é idêntico. A diferença é apenas no que diz respeito a imóveis. Nisso São Paulo é três ou quatro vezes mais caro que Recife, mas o custo de vida é o mesmo. O calor em Recife é insuportável até para um nordestino.

Em termos de clima, prefiro São Paulo. Quanto à organização e qualidade de serviços, também São Paulo é muito melhor. Diria que se tivesse que optar escolheria mesmo São Paulo, apesar de meus amigos não entenderem como eu deixaria Recife para morar em São Paulo. Mas eu optaria por São Paulo.

■ **Sua esposa e filhos sentem-se bem em São Paulo? Ou preferem Recife?**

● Eles preferem São Paulo. Já havíamos morado aqui (1995 a 2001) e já estávamos acostumados com a cidade. Nos dois anos que

“ *O Mackenzie tem a vocação que é mais do que simplesmente transmitir conhecimento às gerações* ”

ficamos em Recife, meus filhos também gostaram da cidade, se adaptaram em alguns aspectos, mas no geral sentem-se muito bem em São Paulo. Quanto a se adaptar ao clima, trânsito, barulho e poluição da cidade, isso não é problema porque nós moramos no Campo Belo, um bairro bem agradável. E de dentro de casa praticamente não ouvimos o ruído dos automóveis na rua.

■ **Tem uma mensagem aos mackenzistas – alunos, professores e demais?**

● Minha palavra é de encorajamento, diante do momento difícil e

instável que estamos vivendo como instituição. Há o problema econômico e da perda da capacidade salarial das pessoas, que faz com que tenhamos até redução na procura da educação superior. As estatísticas mostram que existem 500 mil vagas ociosas nas universidades. Creio que uma das causas não é somente o crescimento espantoso das universidades particulares, nos últimos dez anos. Realmente o número delas cresceu de forma extraordinária, tornando a concorrência muito acirrada, mas também pela queda no poder aquisitivo do brasileiro. Isso representa sempre interrogação, questionamento sobre os rumos futuros do

Mackenzie, porque nós dependemos de matrículas e de alunos. Não temos subsídio do Estado, do governo e de nenhum outro fundo, a não ser o que obtemos com as mensalidades. É momento de incerteza também quando discute-se no Brasil todo o futuro das filantrópicas – se permanecerão com essa característica ou não. E há várias incertezas. Minha palavra é de encorajamento, porque em mais de cem anos de vida o Mackenzie

suportou grandes crises nacionais, inclusive maiores que as que aparentemente se avizinham. Entendemos que, fundado por pessoas que temiam a Deus, criam no Senhor Jesus Cristo e confiavam em Deus, o Mackenzie tem a vocação que é mais do que simplesmente transmitir conhecimentos às gerações. O Mackenzie faz parte do plano de Deus de abençoar o Brasil. Por isso acredito que, apesar das dificuldades e do quadro não muito bonito que se desenha diante de nós, temos que manter a esperança, a tranquilidade e a confiança de que o Mackenzie continuará servindo a Deus nas terras brasileiras. (M)